



A LEITURA E A ESCRITA NO MUNDO DO TRABALHO E NO MUNDO DA ACADEMIA: CONSTRUINDO INTERSECÇÕES

Otilia L. de O. M. Heinig – FURB

Bruna A. Franzen – FURB

Resumo: O presente artigo tem por objetivo discutir as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho das engenharias, no que diz respeito à leitura e à escrita, e a implicação dessas questões na formação acadêmica desses profissionais. Para tanto, foi realizada uma entrevista semiestruturada com engenheiros formados e que atuam em sua área de formação. Para este artigo, selecionaram-se cinco sujeitos que abordaram em seus enunciados essa relação entre a formação universitária e o campo de trabalho no que diz respeito ao uso da leitura e da escrita. As análises são de cunho qualitativo, estão inseridas na área da educação e trazem como fundamento as teorias da enunciação e dos novos estudos do letramento. Depreende-se, com a discussão, que os sujeitos compreendem o trabalho e a universidade como um contínuo. Nesse sentido, infere-se, a partir dos enunciados, que a universidade deveria focar em uma formação ampla que abordasse o mundo profissional de modo geral e não somente em suas questões específicas.

Palavras-chave: Trabalho. Universidade. Leitura. Escrita. Engenharia.

Introdução

O presente artigo, recorte de uma dissertação a qual estamos realizando, tem por objetivo discutir as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho das engenharias, no que diz respeito, mais especificamente, às questões de leitura e de escrita, e a implicação dessas questões na formação acadêmica desses profissionais.

Vivemos em uma sociedade grafocêntrica, permeada pela cultura escrita. Contudo, não basta saber ler e escrever para fazer parte integrante dessa sociedade. É preciso ir além, saber interagir em práticas de letramento nos diferentes campos de atuação; saber fazer uso da leitura e da escrita, levando em conta o contexto, a situação e a cultura de cada espaço social.

Participamos de diferentes campos da atividade humana, diversos lugares sociais nos quais assumimos papéis e identidades distintas; são espaços definidos socialmente, que possuem gêneros, ideologias e relações determinadas. O trabalho é um desses campos, em que precisamos saber interagir e dominar as práticas que fazem parte desse lugar. A partir das

competências exigidas pelo mundo contemporâneo, algumas questões vêm sendo repensadas no campo do trabalho, nas mais distintas áreas.

A partir de pesquisas realizadas recentemente (HEINIG e RIBEIRO, 2011; RIBEIRO e VILELLA, 2010), temos percebido que a leitura e a escrita têm um papel importante na área das engenharias e que, cada vez mais, toma espaço nas discussões acadêmicas. Pois, embora no senso comum se pense que a engenharia é basicamente numérica, a escrita é também necessária para a atuação profissional de um engenheiro. Durante o decorrer da pesquisa, contudo, percebemos que, para falar de leitura e escrita no espaço do trabalho, é preciso, também, falar da formação que esse profissional teve na universidade. São, portanto, eixos que se entrecruzam e se complementam.

Apresentar essa discussão é relevante, pois, ao fazer o levantamento sobre o que se vem pesquisando acerca dessa relação, concluímos que não existem muitos estudos que caminhem nessa direção, principalmente quando o foco está nas questões de leitura e escrita na engenharia. Buscamos, primordialmente, pelos trabalhos do GT9 (Trabalho e Educação) da Associação Nacional de Pesquisas em Educação, ANPED. Nesse grupo encontramos diversos estudos que buscam relacionar o mundo do trabalho e a educação. Nesse sentido, existem pesquisas que discutem políticas de educação profissional, trabalho infanto-juvenil, estudos sobre a educação profissionalizante e há, também, pesquisas que discutem sobre a formação e o trabalho do professor. Assim, percebemos que, sob uma determinada perspectiva, a formação superior e a relação com o trabalho tem sido discutida. Nenhum dos trabalhos encontrados, entretanto, se aproxima do nosso – a relação entre trabalho e formação dos engenheiros no que diz respeito à leitura e à escrita especificamente.

A pesquisa que estamos desenvolvendo é entendida como uma investigação qualitativa que está inserida na área da educação. Segundo Bogdan & Biklen:

A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos contextos. [...] Os dados recolhidos são designados por *qualitativos*, o que significa ricos em pormenores descritivos relativamente a pessoas, locais e conversas, [...] Privilegiam essencialmente, a compreensão dos comportamentos a partir da perspectiva dos sujeitos da investigação. (1994, p. 16, grifos do original).

Portanto, teceremos nossas análises a partir do que foi enunciado pelos engenheiros entrevistados. A coleta de dados foi realizada através de entrevistas semiestruturada. Foram, então, entrevistados dez engenheiros de diferentes áreas que são formados e que atuam em sua área de formação. Para a discussão a ser realizada no presente trabalho selecionamos enunciados de sujeitos que trazem em seu discurso essas relações entre trabalho e academia,

sobre as quais nos propusemos discutir. Apresentaremos então, neste artigo, os enunciados de cinco sujeitos que serão identificados pela letra “E” de engenheiro, seguida de um número de identificação já estabelecido na dissertação. Serão denominados, portanto, de E6, E7, E8, E9 e E10.

Para compreender os usos da leitura e da escrita no trabalho é preciso olhar também para a formação, como esse sujeito constituiu a sua identidade profissional. Por isso trazemos à baila essas reflexões. Todos os entrevistados, por já serem graduados, podem realizar uma análise do que vivenciaram durante a realização do curso superior. É uma visão de quem está de fora, enxergando com outro olhar aquilo que foi estudado e construído ao longo da graduação, são mundos diferentes que “se refletem na pupila dos olhos” (BAKHTIN, 2010, p.21) desses engenheiros.

As discussões que ora propomos, serão tecidas tendo como fundamento a teoria enunciativa do Círculo de Bakhtin, que guia o nosso olhar para os dados. Nessa perspectiva, tudo que é enunciado por um sujeito é visto como uma resposta socioaxiológica a outro enunciado, que pode ser verbal ou semiótico. Dessa maneira, nenhum enunciado é neutro, pois surge sempre dentro de um contexto cultural determinado por significações e interações, “[...] a enunciação só se realiza no curso da comunicação verbal, pois o todo é determinado pelos seus limites, que se configuram pelos pontos de contato de uma determinada enunciação com o meio extraverbal e verbal (isto é, as outras enunciações).” (BAKHTIN, 1992, p.125).

Além disso, os novos estudos do letramento também fundamentam nossa construção teórica. Por esse motivo, antes de darmos continuidade às nossas reflexões, é preciso, primeiramente, apresentar o conceito de letramento que guiará a discussão. O letramento é entendido como “um conjunto de práticas sociais, que envolvem o texto escrito, não do ponto restrito da linguagem, mas de qualquer texto. Portanto, aí vamos enveredar por um letramento que é plural, envolve, integra outras linguagens que não é apenas a linguagem verbal através dos textos.” (DIONISIO, 2007, p.210). Está relacionado ao processo de reflexão e construção que o sujeito faz a partir de textos diversos, é a visão ampla do mundo que proporciona a interação em diversas práticas e contextos sociais. Existem, portanto, múltiplos letramentos, pois em nossa sociedade há múltiplos textos que circulam nos mais diversos espaços sociais, com os quais nos deparamos em curtos espaços de tempo (CASSANY, 2005).

A partir da perspectiva proposta por Cassany, dos múltiplos letramentos, explicamos nosso foco de estudo. Nestes múltiplos letramentos está inserido o letramento acadêmico, que diz respeito a práticas das quais o sujeito deve fazer parte para se inserir no campo da academia no período em que está realizando o seu curso de graduação. Contudo, o domínio, o

conhecimento e a interação com diversas formas de letramento continuam ao longo da vida e atingem o campo profissional também. Assim, temos definido a compreensão sobre o que é letramento, essa interação e esse conjunto de práticas socioculturais que envolvem o escrito. É nesse ponto que nos situamos para desenvolver o estudo proposto para este artigo.

A partir desta introdução, discutiremos a intersecção entre os campos do trabalho e da academia, para tanto apresentaremos alguns enunciados de nossos sujeitos. Para, assim, discutir essa relação tênue que existe entre a formação superior e o mundo do trabalho. Após essas discussões, faremos nossas considerações acerca do todo discutido.

2 AS LINHAS SE ENTRECruzAM

As linhas entre os campos do trabalho e da academia se entrecruzam na voz dos sujeitos que entrevistamos. Estes trouxeram para discussão (e reflexão) a relação entre essas duas instituições. Um modo de percepção exotópico, que no sentido bakhtiniano “é condicionado pela singularidade e pela insubstituíbilidade do meu lugar no mundo: porque nesse momento e nesse lugar, em que sou o único a estar situado em dado conjunto de circunstâncias, todos os outros estão fora de mim” (BAKHTIN, 2010, p.21). Nesse sentido, o sujeito pode, em sua singularidade, olhar para a sua formação e tecer compreensões, falar dela e refletir, a partir de outra perspectiva, sobre o que vivenciou. Após saírem do curso de formação superior formulam outras percepções, são outros em um momento distinto, procurando refletir acerca do que viveram. O outro, nesse contexto, é o próprio engenheiro que está em outro tempo e espaço.

A partir das pistas linguísticas dos enunciados, discutiremos essa relação que faz parte da caminhada desses profissionais. Tecemos compreensões acerca das relações e dos conflitos entre a formação universitária e a atuação no mundo do trabalho. Nossas reflexões, como analistas e pesquisadores, voltam-se, principalmente, para as questões relacionadas à leitura e à escrita, foco da pesquisa realizada.

Antes de iniciarmos as discussões acerca dos dados, é relevante refletir sobre as instituições que fazem parte da sociedade, nas quais nos inserimos ao longo de nossa vida. A família, a religião, a academia, o trabalho, enfim, espaços sociais que constituem e formam a nossa identidade. Bakhtin apresenta essas instituições como campos da atividade humana, “em cada campo existem e são empregados gêneros que correspondem às condições específicas de dado campo; é a esses gêneros que correspondem determinados estilos.” (BAKHTIN, 2010, p.266). A partir dessa compreensão, entendemos que existem divisões

dentro de uma sociedade, nesse sentido, cada campo possui características próprias, principalmente no que diz respeito aos gêneros e suas dimensões (temática, composicional e estilística). Contudo, essas divisões não são fixas, não há um ponto em que um começa e outro termina, é o que aparece, também, nos dados que serão apresentados.

Iniciamos as análises com o sujeito E10, formado em Engenharia de Produção no ano de 2010. A conversa com esse engenheiro iniciou com uma reflexão acerca do que apresenta José Roberto Cardoso¹ em uma explanação dada à CBN notícias em 26 de julho de 2010, sobre a dificuldade dos engenheiros em redigir um texto em testes de empregos. Durante a entrevista que realizamos foi abordado sobre a aprendizagem dos textos que o sujeito usa em seu trabalho, quanto a isso, quando perguntamos sobre onde ele teria aprendido a trabalhar com os textos que utiliza em seu dia a dia profissional, o engenheiro enuncia que:

E10: então assim' na faculdade ele::s' a gente tem as matérias' engenhari::a da qualidade' que falam um pouco sobre esses procedimentos' essas/ esses textos que a gente precisa escrever' só que é mais na prá::tica assim' você acaba in::do e fazendo e vai tentando' aí mostra pro chefe' aí ele vai falar não' muda essa palavra aqui' isso aqui não ficou legal' é bem na prática assim' de::sde que eu comecei a trabalhar na área' já:: há três anos e meio mais ou menos' eu trabalhava nessa área de procedimento' de padronização de trabalho' então já desde o início eu trabalhei escrevendo coisas' né:: então e foi bem na prática' bem assim tentando' errando' acertando' e a gente vai aprendendo'²

No momento não havíamos questionado se ele aprendeu a trabalhar com esses gêneros na faculdade ou, então, se a faculdade teve algum papel na aprendizagem dos gêneros que ele precisa ler e produzir para o seu trabalho. Contudo, ao iniciar seu enunciado já apresenta a universidade como a instituição responsável pelo ensino da leitura e da escrita. O que chama a atenção é quando E10 enuncia: *a gente tem as matérias engenharia da qualidade que falam um pouco sobre esses procedimentos*. O sujeito utiliza a expressão *um pouco*, que tem, em sua essência, o objetivo de modificar o que se está expondo, afetando dessa forma o significado do que está sendo dito (NEVES, 2000), nesse caso intensifica o sentido do que está sendo enunciado. Além disso, o uso do *um* modifica o sentido do *pouco*, alterando o enunciado. Ao fazer uso dessa expressão, o sujeito nos permite depreender que, de alguma forma, o assunto

¹ Diretor da Escola Politécnica da Universidade de São Paulo e coordenador do Conselho Tecnológico do Sindicato dos Engenheiros do Estado de São Paulo.

² As entrevistas foram transcritas seguindo as convenções expostas por Marcuschi (1986): (+) indica marcação de micropausa. (...) indica que parte da fala foi omitida. :: indica prolongamento de som precedente. ´ indica elevação média de entonação. ” corresponde à uma subida rápida (como um ponto de interrogação). , para descida leve ou brusca. MAIÚSCULA indica ênfase.

foi abordado, mas não de uma maneira que fosse suficiente, pelo menos na perspectiva desse engenheiro, para aprender a usar esse gênero no seu dia a dia no trabalho.

Além disso, logo na sequência, E10 reitera que são *textos que a gente precisa escrever só que é mais na prática assim*. O uso da expressão *só que*, sinaliza para um sentido de restrição, o que também nos leva a inferir que, para esse sujeito, a aprendizagem, ocorreu em sua prática profissional, no dia a dia, com a produção constante e a exigência do mundo do trabalho. Essa expressão tem o valor de uma conjunção adversativa que dá um sentido de oposição ao que havia sido dito anteriormente. Durante a faculdade foram trabalhadas questões que o engenheiro utilizaria em seu trabalho, entretanto, o letramento propriamente dito se deu com a prática, foi nesse momento que os textos passaram a fazer sentido ao serem usados no seu local de circulação.

Ao refletirmos sobre o que apresenta o sujeito, inferimos o seu posicionamento, que deixa subentendida a sua posição: de que a faculdade teve um papel no que diz respeito à leitura e à escrita a ser usada no trabalho, contudo foi no dia a dia profissional que a aprendizagem se efetivou, a partir do uso constante. No caso desse sujeito, foi a prática que proporcionou o entendimento dos textos que utiliza no dia a dia, esse letramento próprio do campo do trabalho, pois *foi bem na prática bem assim tentando errando acertando e a gente vai aprendendo*. Pensar a aprendizagem nessa perspectiva, caminha na direção do que assevera Cassany (2005) quando apresenta que “[...] Cada texto é a invenção social e histórica de um grupo humano e adota formas diferentes em cada momento e lugar, as quais também evoluem ao mesmo tempo que a comunidade. Aprendemos a usar um texto participando dos contextos em que se usa.”³ (CASSANY, 2005, p.2-3, tradução nossa).

O sujeito compreende o aprendizado como contínuo, inferimos isso quando ele utiliza a expressão *vai aprendendo*, que dá a ideia de processo pelo uso de um verbo de movimento com outro que está no gerúndio, assim a aprendizagem do uso da leitura e da escrita é entendida como algo que ocorre continuamente e aos poucos, é a forma como o sujeito compreende a sua participação, especificamente, em práticas de letramento do campo no qual atua. Além disso, utiliza o gerúndio ao situar os passos pelos quais passou nas primeiras vezes que precisou escrever um gênero específico daquele espaço social.

³ [...] Cada texto es la invención social e histórica de un grupo humano y adopta formas diferentes en cada momento y lugar, las cuales también evolucionan al mismo tiempo que la comunidad. Aprendemos a usar un texto participando en los contextos en que se usa. (p. 2-3).

Nessa perspectiva, E10 transfere para a prática a concretização do aprendizado, o que nos leva para uma discussão acerca do que se entende como o objetivo de um curso superior. O que compreendemos a partir do que enuncia E10 é que um curso superior deva preparar, amplamente, o sujeito para o mundo do trabalho, pois apresenta, inicialmente, a faculdade quando inicia a resposta sobre “como aprendeu”. Nesse sentido, Bazzo e Pereira, ao discutirem a formação de um engenheiro, dissertam:

[...] os conhecimentos ensinados em num curso superior dizem respeito muito mais à formação teórica do que à prática. É natural que um recém-formado, que ainda não tem experiência prática, desconheça detalhes técnicos de sistemas de produção e outros aspectos do cotidiano da engenharia. E nem poderia ser diferente, pois a função da escola não é apenas informativa; é, primordialmente, formativa. (1996, p.197).

Entendemos, assim, que, de modo geral, a compreensão que se tem é a de que são campos diferentes com objetivos diferentes. Por outro lado, percebemos, também, a linha quase invisível que os sujeitos desenham entre esses dois campos (trabalho e acadêmico), como se um se interconectasse ao outro. Nossa pesquisa se concentra, basicamente, no campo do trabalho. Contudo, a partir das análises dos dados, desvelamos, no enunciado do sujeito, que embora o foco da conversa fosse o trabalho, essa instituição se conecta com a academia em uma intersecção e, dessa maneira, se complementam.

Ao refletirmos sobre esses dizeres notamos que os campos podem ser entendidos como líquidos, pois não possuem um limite demarcado, em que um termina e o outro começa. Eles estão relacionados e, em diversos momentos, se complementam, se cruzam, se entrelaçam e se dissolvem, assim, não são fixos e não estão estabelecidos. Algo que vem ocorrendo com a pós-modernidade. As instituições e o papel destas, têm se transformado. Inferimos isso com base no que discute Bauman (2007) sobre as instituições sociais, de acordo com esse autor a sociedade está vivendo a passagem da fase sólida para a fase líquida, isso significa dizer que está se passando

para uma condição em que as organizações sociais (estruturas que limitam as escolhas individuais, instituições que asseguram a repetição de rotinas, padrões de comportamento aceitável) não podem mais manter sua forma por muito tempo (nem se espera que o façam), pois se decompõem e se dissolvem mais rápido que o tempo que leva para moldá-las, uma vez que reorganizadas, para que se estabeleçam. (BAUMAN, 2007, p.7).

A sociedade vem se modificando no contexto político, econômico e cultural. É nessa perspectiva que compreendemos também a mobilidade que há entre o campo da academia e

do trabalho, pois o que se percebe é uma constante reformulação de ambos. Por isso, é importante refletir constantemente sobre o papel e as relações entre as instituições sociais. Os sujeitos caminham nessa direção, pois em seus dizeres aparece o papel da universidade (por vezes no discurso da falta) e o aprendizado no dia a dia, como citou E10. Dessa forma, os gêneros e as especificidades de cada campo se mesclam e, por vezes, se confundem. O que apresentam os sujeitos é uma resposta ao que tem surgido com a pós-modernidade e com as transformações sociais e ideológicas que vêm ocorrendo na contemporaneidade. Por esse motivo, é necessário discutir essas relações, colocar em pauta para, assim, compreender as necessidades da sociedade atual.

Percebemos que essa relação entre formação e atuação profissional também é abordada no enunciado de E7, formado em Engenharia Elétrica, que apresenta o seguinte:

E7: [...] mas assi::m é:: a gente vê uma dificulda::de né:: das pessoas que eu contratei' que eu precisei contrata::r também' a gente vê que tem uma dificuldade MUito grande nessa parte' NA ÁREA tecnológica quando se diz' nesse respeito assim' né' tanto de produção de texto quanto é:: é um simples e-mail' as pessoas não conseguem escrever' mesmo pessoas forma::das' engenheiro então pra escrever é uma dificulda::de' a gente vê isso' né::' a gente sente isso é:: mas aí eu acho que depende muito da área de formação também né::' não'não da área de formação' de ONDE a pessoa é formada' NA ((cita a universidade em que se formou)) nós não tivemos NENHUMA disciplina' NENHUMA disciplina' ABSOLUTAMENTE nenhu:ma disciplina nesse sentido' nessa/ relacionado a isso' nenhu::ma' né::' nenhuma' nenhuma' nenhuma' então isso é ruim né' isso é ruim' a única cobrança que foi feita em relação a escrita foi talvez no relatório de estágio' né: ((ri)) no fim do fim'

No dizer de E7, chama atenção a repetição e a ênfase que o sujeito emprega na palavra “nenhuma”, que demonstra a necessidade que ele sente de haver algum tipo de disciplina, durante a formação universitária, que foque nas questões de leitura e escrita: *nós não tivemos NENHUMA disciplina' NENHUMA disciplina' ABSOLUTAMENTE nenhu:ma disciplina nesse sentido' nessa/ relacionado a isso' nenhu::ma' né::' nenhuma' nenhuma' nenhuma' então isso é ruim né'*, finaliza, ainda, afirmando que não ter essas disciplinas durante sua formação é algo “ruim”. Além disso, destaca que para o engenheiro dominar as questões de leitura e escrita dependerá muito da sua formação: *eu acho que depende muito da área de formação também né::' não'não da área de formação' de ONDE a pessoa é formada'*. Mais uma vez, percebemos a relação dada entre formação e o mundo do trabalho no que diz respeito à aprendizagem da leitura e da escrita. Quando se fala em aprendizagem, os sujeitos fazem referência à universidade, mostrando que, em sua compreensão, esse seria o campo

responsável por essa formação também. O seguinte sujeito também aborda essas questões e ressalta, em seu dizer, sobre o que se tem na universidade e o que se encontra na prática:

E6: [...] mesmo quem faz engenharia de produção' administração de empresa' que seja' que você vê na prática/ na:: na graduação toda aquela monte de ferrame::ntas' planos de açã::o' justificativa e o escambau a quatro na teoria lá com o professor te falando' quando chega na prática no dia a dia lá' quando às vezes eu vou dar treinamento pra vários engenheiros' administradores' engenheiros de produção que seja' a:: eu lembro que eu vi isso na faculda::de' mas sabe que eu não tinha nem ideia que implantava assi::m' sabe que a gente até fez uns exercícios' mas na verdade agora é que eu to vendo como é que nós vamos usar' então as vezes a teoria tá muito longe da prática né::[...]

A partir do exposto, compreendemos que a formação do engenheiro está focada em cálculos e teorias, E6 afirma que durante a graduação muitas questões são abordadas. Contudo, é no uso diário, na participação do sujeito nessas práticas de letramento que o aprendizado se concretiza. Como ressalta E6 quando fala de outros engenheiros com quem convive: *a:: eu lembro que eu vi isso na faculda::de' mas sabe que eu não tinha nem ideia que implantava assi::m' sabe que a gente até fez uns exercícios' mas na verdade agora é que eu to vendo como é que nós vamos usar'*. O uso da expressão “até”, nessa frase, tem o papel de um operador argumentativo, nesse sentido gera “modificações no interior da proposição em que aparece, orientando o leitor para certos tipos de conclusão” (GIERING, sem ano, p.56). Nesse caso, transforma o enunciado e serve de argumento que remete para compreensão de que algo realmente foi visto, mas, a associação e a percepção do porquê daquele estudo, se efetivou durante a necessidade do uso no mundo profissional. A liquidez que há entre esses dois campos fica implícita, pois, como apresentado anteriormente, de acordo com Cassany (2005), é na prática que é possível aprender a fazer o uso de determinado texto ou teoria.

Na sociedade em que vivemos, no período em que nos encontramos (2012) não podemos pensar que os campos estão separados. As relações existem, não só entre academia e trabalho, mas entre todos os campos da atividade humana. Somos sujeitos que interagem em sociedade e a aplicação do conhecimento não se dá de modo fragmentado, mesmo que a formação escolar e acadêmica esteja dividida em disciplinas. Percebemos isso, também no enunciado de E8, que aponta para essa relação e essa liquidez quando enuncia que faltou trazer a prática para a sua formação:

E8: o que falto::u' (3) eu senti falta porque foi muita:: a faculdade promoveu assim muita teori::a' meus professores eram normalmente:: carreiras de carreira né:: então faltou trazer

o:: a prática pra sala de aula' então se baseava muito em cálculo né" num sind/ e:: eu acho que nunca me indicaram um livro de leitura na faculdade' na faculdade toda' só:: assim de pesquisa e de cálculos (+) e isso fez falta' digamos tanto pra:: aprimorar a escrita a:: le/ a escri:ta o vocabulário' (+) e pra:: abrir um pouco a visão né" porque a gente ficou muito:: (meio tapado) digamos' a grosso modo'

Ao produzir esse enunciado, E8 havia sido questionado sobre o que ele considera primordial em termos de leitura e escrita para a profissão de um engenheiro, comparando a sua formação com a sua atuação profissional. Nesse momento da entrevista, portanto, questionamos indiretamente sobre a formação desse sujeito. Ao relacionar o que foi enunciado por E6, E7, E8, E9 e E10 percebemos aproximações no que diz respeito à formação. No enunciado de E8 aparece o discurso da falta do trabalho com a leitura e com a escrita durante a formação. E9 também traz essa percepção já no início da entrevista:

E9: bem' é:: desde que eu iniciei o curso de engenharia nós não tivemos nada relacionado à escrita' produção de textos' mais foi focado a parte de cálculo' a parte introdutória e daí focado em cada área né::' em cada engenharia' no meu caso a engenharia florestal' então:: eu:: senti um pouco de dificuldade nessa área' ainda sinto né::'

O que cita esse sujeito está em consonância com o que temos discutido até aqui sobre a relação entre os campos da atividade humana. Como cada enunciado “é um elo na cadeia da comunicação discursiva e não pode ser separado dos elos precedentes [...]” (BAKHTIN, 2010, p.300), também os sujeitos não estão isolados no mundo e, nessa perspectiva, um lugar social se conecta ao outro. Entretanto, o que os engenheiros apresentam em seus enunciados é que, por muitas vezes, as especificidades de cada campo se mesclam e, também, se confundem. Nessa mescla, os engenheiros apontam para as dificuldades de inserção nas práticas de leitura e escrita do campo de trabalho e apresentam a universidade como o espaço para essa aprendizagem. Mesmo que esses usos da leitura e da escrita sejam contínuos, que aprendemos, aperfeiçoamos e adaptamos de acordo com os lugares nos quais nos inserimos, a universidade é vista como o campo primeiro que deveria oferecer essa formação. Inferimos, contudo, que os sujeitos não entendem essa aprendizagem como algo desconectado da área do trabalho, mesmo que ocorra na academia deve ser algo interligado, deve estar na intersecção, relação teoria-prática, conforme sugere E9: *o que falto::u' (3) eu senti falta porque foi muita:: a faculdade promoveu assim muita teori::a' meus professores eram normalmente:: carreiras de carreira né:: então faltou trazer o:: a prática pra sala de aula'.*

Os enunciados apresentados, de E6, E7, E8, E9 e E10, trazem um olhar exotópico por parte dos sujeitos. O estudo da leitura e da escrita perpassa por diversas questões e está

presente constantemente na vida da sociedade e suas especificidades se modificam com ela. O que chama a atenção é essa relação feita com a universidade. São cinco engenheiros que conversaram conosco em momentos e lugares distintos e concluíram o ensino superior em anos e universidades diferentes. Contudo, percebemos as aproximações em seus enunciados, o olhar exotópico desses sujeitos se aproxima, mesmo que cada ser seja único, existem essas relações que nos levam a refletir sobre esses campos da atividade humana e sobre o momento que a sociedade vive.

A partir das teorias estudadas na perspectiva dos estudos do letramento e da linguagem, realizamos gestos interpretativos para compreender o que subjaz os enunciados dos engenheiros entrevistados. O discurso da falta, das relações entre trabalho e academia e desse olhar exotópico que o engenheiro apresenta sobre o que percebe hoje acerca do que teve em sua formação, revela que o que está sendo questionado é a participação em práticas de letramento próprias do mundo do trabalho já durante o período de formação. Para que esse profissional que está sendo formado possa adentrar aos poucos nesse novo campo, pois, “as pessoas se tornam letradas observando e interagindo com outros membros do Discurso até que as formas de falar, atuar, pensar, sentir e valorizar comuns a esse Discurso se tornem naturais a elas” (ZAVALA, 2010, p.73).

Essa exigência tem se feito presente no cotidiano desses profissionais, exatamente por conta das mudanças sociais que vem ocorrendo. A sociedade caminha a passos largos, por isso, cada vez mais, os campos têm apresentado essa liquidez e completude.

3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

O objetivo primeiro do presente artigo era discutir as transformações que vêm ocorrendo no mundo do trabalho das engenharias e a implicação dessas questões na formação acadêmica desses profissionais. Procuramos aproximar os enunciados que traziam essa problematização, para, então, discutir essa inter-relação entre os campos da academia e do trabalho. O que depreendemos é que os sujeitos percebem a universidade como a instituição responsável pela formação ampla do futuro profissional. Quando se fala em leitura e escrita próprias do mundo do trabalho, enunciam que essas questões não foram focadas em sua formação, mas que deveriam ser. A sociedade exige, cada vez mais, profissionais completos e que saibam interagir em diferentes práticas, isso implica em mudanças, também, na formação acadêmica. Muito já está se repensando sobre isso nos cursos de engenharias.

O sujeito vem sendo formado desde a educação básica, em que se aprende as questões básicas de cálculo, leitura e escrita. Contudo, quando se fala em leitura e escrita entramos em uma área vasta, é preciso perguntar ler o quê? Para quê? Escrever o quê? Com quê finalidade? Essas perguntas modificarão o texto a ser escrito ou mesmo o olhar lançado no momento da leitura. Por esse motivo, compreendemos que cada etapa da formação tem responsabilidades específicas. No ensino superior o foco está basicamente nas questões específicas da profissão escolhida. Entretanto, não se pode esquecer da formação humana, que deve ser contínua, e também de questões que não estão restritas aquela profissão, mas que, também, são diferentes do todo estudado até a entrada na Universidade, como as questões de leitura e escrita.

O sujeito aprende a ser engenheiro no momento que entra no mercado de trabalho, até então estava sendo preparado para isso. Aprende cálculo, aprende a interpretar e a fazer gráficos, estuda sobre a profissão em si. Mas, não se pode esquecer que a formação se conecta amplamente ao trabalho. São complementares, não se pode designar a formação somente para a prática. Por isso, levantamos essa questão do uso da leitura e da escrita. Na universidade se lê e se escreve muito. Há, inclusive, matérias de leitura e escrita cujo foco são os gêneros acadêmicos que serão produzidos durante a faculdade (resumos, resenhas, artigos etc), mas e os textos a serem produzidos na prática profissional?

Não temos respostas, mas discutir questões que caminhem nesse sentido é um início para repensar nossas práticas sociais. A sociedade está em constante transformação, por esse motivo é necessário uma constante reflexão sobre as instituições que fazem parte dela.

As discussões aqui abordadas foram construídas a partir do que dizem engenheiros sobre o seu campo de trabalho e a sua formação. Essas discussões, entretanto, podem ser ampliadas e estendidas para outros campos da atividade humana. A proposta é começar a pensar sobre essas relações e perceber que não é uma ruptura, mas uma intersecção que existe entre universidade, trabalho e outros campos. É nessa perspectiva que entendemos a sociedade e que compreendemos os sujeitos que a constituem.

REFERÊNCIAS

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 5ª. ed. São Paulo: Hucitec, 1992

_____. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.

BAUMAN, Z. *Tempos líquidos*. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2007.

BAZZO, W. A.; PEREIRA, L. T. do V. *Introdução à Engenharia*. 5ª. ed. Florianópolis: Editora da UFSC, 1997.

BOGDAN, R. ; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto Editora: 1994.

CASSANY, D. *Investigaciones y propuestas sobre literacidad actual: multiliteracidad, internet y criticidad*. 2005. Disponível em:
<<http://www2.udec.cl/catedraunesco/05CASSANY.pdf>>. Acesso em: ago. 2006.

DIONÍSIO, M.L. Educação e os estudos atuais sobre letramento. Entrevista. *Perspectiva*, v. 25, n. 1, jan./jul. 2007. Entrevista concedida a Adriana Fischer e Nilcéa Lemos Pelandré. Disponível em:
<http://www.perspectiva.ufsc.br/perspectiva_numeros_anteriores_2007_01.php>. Acesso em: 16 fev. 2009.

GIERING, M. E. et all. *Análise e produção de textos*. Sao Leopoldo: UNISINOS, sem ano.

HEINIG, O. L. de O. M.; RIBEIRO, G. O letramento no processo de formação do engenheiro civil. *Atos de Pesquisa em Educação*, Blumenau, v. 6, n. 1, p.53-78, abr. 2011. Disponível em: <<http://www.furb.br/atosdepesquisa/>>. Acesso em: 28 maio 2011.

MARCUSCHI, L. A. *Análise de conversação*. São Paulo: Ática, 1986.

NEVES, M. H. de M. *Gramática de usos do português*. 2ª.ed. São Paulo: Unesp, 2011.

RIBEIRO, A. E.; VILLELA, A. M. N. “Engenheiro não sabe escrever”: estereótipos improdutivos e o ensino português. In: Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 15, 2010, Belo Horizonte. *Covergências e tensões no campo da formação e do trabalho docente: políticas e práticas educacionais*. Belo Horizonte: UFMG, 2010. v. 1, p. 1 - 13.

ZAVALA, V. Quem está dizendo isso?: letramento acadêmico, identidade e poder na educação superior. In: VÓVIO, C.; SITO, L.; GRANDE, P. (orgs). *Letramentos: rupturas, deslocamentos e repercussões de pesquisa em linguística aplicada*. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p. 71-95.